



01. O dito “Deus está morto” anuncia o fim dos fundamentos transcendentais da existência de Deus como justificativa e fonte de valoração para o mundo, tanto na civilização quanto na vida das pessoas – segundo o filósofo, mesmo que estas não o queiram admitir. Nietzsche não se coloca como o assassino de Deus, como o tom provocador pode dar a entender: o filósofo enfatiza um acontecimento cultural e diz ‘fomos nós que o matamos’. A frase não é nem uma exaltação nem uma lamentação, mas uma constatação a partir da qual Nietzsche traçará o seu projeto filosófico de superar Deus e as dicotomias assentes em preconceitos metafísicos que julgam o nosso mundo – na opinião do filósofo – a partir de um outro mundo superior e além deste. A morte de Deus metaforiza o fato de os homens não mais serem capazes de crer numa ordenação cósmica transcendente, o que os levaria a uma rejeição dos valores absolutos e à descrença em quaisquer valores. Isso conduziria ao niilismo, que Nietzsche considerava um sintoma de decadência associada ao fato de ainda mantermos uma ‘sombra’, um trono vazio, um lugar reservado ao princípio transcendente agora destruído, que não podemos voltar a ocupar. Para isso ele procurou, com o seu projeto da ‘transmutação dos valores’, reformular os fundamentos dos valores humanos em bases mais profundas do que os ídolos do cristianismo.

Resposta: C

02. Segundo Sartre, o existencialismo ateu é mais coerente. Ele declara que Deus não existe e que a existência precede a essência. Logo os seres existem antes de poderem ser definidos por qualquer conceito. Significa que o homem primeiramente existe, descobre-se, surge no mundo; e que só depois se define. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para concebê-la. Sendo assim, o homem não é mais do que o que ele faz, porque o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. O homem é antes de mais nada um projeto que se vive subjetivamente; nada existe anteriormente a este projeto; nada há no céu inteligível, o homem será antes de mais o que tiver projetado ser. Assim o primeiro esforço do existencialismo, segundo Sartre, é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência.

Resposta: C

03. O maior mérito de Tomás de Aquino foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na Escolástica anterior, compaginou um e outro, de forma a obter uma sólida base filosófica para a teologia e retificando o materialismo de Aristóteles. Em suas duas *summae*, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: a *Summa theologiae* e a *Summa contra gentiles*. A partir dele, a Igreja tem uma Teologia (fundada na revelação) e uma Filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão, unidas em sua orientação comum rumo a Deus. Sustentou que a filosofia não pode ser substituída pela teologia e que ambas não se opõem. Afirmou que não pode haver contradição entre fé e razão. Explica que toda a criação é boa, tudo o que existe é bom, por participar do ser de Deus, o mal é a ausência de uma perfeição devida e a essência do mal é a privação ou ausência do bem. Com o uso da razão é possível demonstrar a existência de Deus, para isto propõe as cinco vias de demonstração, que se trata de cinco grandes linhas de argumentação por meio das quais se podem provar a existência de Deus.

Resposta: D

04. O pensamento de Jean-Paul Sartre se formou em torno da ideia de liberdade. A liberdade defendida pelo filósofo é uma liberdade absoluta e a responsabilidade que, por consequência, ele atribui ao homem é total. Para o filósofo, o destino do homem está em suas próprias mãos.

Resposta: A

05. A questão do livre-arbítrio está na filosofia de Santo Agostinho essencialmente relacionada com a moralidade. A perspectiva de Agostinho é a de que Deus concedeu a liberdade de arbítrio ao homem para fazer dele um ser moral. Por um lado, Deus deu ao homem a razão, pela qual o homem pode pensar, conhecer o mundo e compreender o Criador, por outro lado, concedeu-lhe a capacidade de escolher livremente por entre alternativas. O homem concebe Deus como sendo o ser supremamente bom do qual provém toda a existência, e como Deus concedeu essa liberdade de ação ao homem, este fica responsável pela sua conduta. Conforme faça o bem ou cometa o pecado, terá de Deus a recompensa ou o castigo. A concepção de Agostinho passa por considerar o próprio ser humano um bem, em virtude de ter sido criado por Deus, e só não age com retidão quando não quer, pelo que a sua vontade é livre para não agir corretamente. Mas, não foi para agir dessa forma errada que o criador nos concedeu a liberdade de escolha. De fato, sem o livre-arbítrio o homem não poderia escolher viver honestamente nem existiria a própria virtude da justiça, que consiste precisamente em condenar os pecadores e louvar os benfeitores.

Resposta: C